



JOSÉ RENATO FUSCO

CONTOS ACABADOS

Sumário.....	1
Pensamento.....	2
Prefácio.....	3
Recado do Além.....	4
A Autoestrada.....	6
Casa Assombrada.....	8
Elésio É Um Macho Raiz, Mas.....	11
O Mensageiro Do Futuro.....	16
No Meu Tempo, As Coisas Eram Muito Melhores Do Que Hoje.....	18
O Último Caso.....	21
A Ligação.....	28
A Mala.....	31
Carregando O Caixão.....	33
A Entrevista.....	34
Encontros Com A Morte.....	36
Paraquedas.....	41
Presidente Bolsonaro E O Zé Gotinha.....	42
Noite De Trabalho Extra.....	43
Falando Com Deus.....	46
Ondas Eletromagnéticas.....	49
O Lado Bom Das Coisas.....	51
Colecionador De Playboys.....	53
Superstição.....	56
Anjo Da Morte.....	58
Eles São Iguais!.....	60
Sorte De Vagabundo.....	63
Sorte De Vagabundo (Parte 2).....	65
O Dia Do Juízo Final.....	66
Encruzilhada.....	69

"Toda a obra de um homem, seja em literatura, música, pintura, arquitetura ou em qualquer outra coisa, é sempre um autorretrato; e quanto mais ele se tentar esconder, mais o seu caráter se revelará, contra a sua vontade." - Samuel Butler.

Prefácio

Sempre gostei de escrever, mas foi só no ano de 2017 que decidi me enveredar pelos mares revoltosos da escrita literária, com "Justiça Em Primeiro Grau", o qual deu origem ao spin-off "O Coveiro" posteriormente.

Antes eu já havia escrito a minha monografia, a qual se tornou o meu primeiro livro, cujo título é "O Sistema Eleitoral Brasileiro".

Isso sem contar, é claro, os textos que fiz ao longo de boa parte da minha vida, tanto no Jornal Sudoeste do Estado, passando pelo extinto A Verdade Dos Fatos e culminando no Jornal A Bigorna, onde ainda mantenho uma coluna chamada Palanque do Zé. Fiz, inclusive, um outro e-book contendo o que considero as minhas melhores colunas. Dei-lhe o nome de "Seleção de Colunas".

Esse e-book é, nada mais do que uma união de todos os Contos que publiquei esporadicamente no Jornal A Bigorna de 2017 para cá. Não há, portanto, nada de novo aqui. Mas prometo-lhes um bom divertimento mesmo assim!

José Renato Fusco, em Avaré, aos 19/01/2021.

Recado do Além

Nicodemos, no auge dos seus 95 anos, não se fez de rogado e cedeu aos encantos de Valentina, uma morena escultural, que tinha apenas 18 aninhos quando decidiram morar juntos.

Apesar da pequena diferença de 77 anos que havia entre eles, Nico - como era chamado pelos amigos e familiares - não se deixou abalar pelos comentários maldosos que as pessoas faziam.

Desde quando eles tinham acesso ao coração puro e doce de Valentina, para saber com tanta certeza de que ela só estaria com ele pelo dinheiro? Dinheiro esse, que não era muito, afinal, ele havia se aposentado com apenas 7 mil reais. Uma ninharia, se comparado ao tamanho esforço que fez a vida toda como Agente da agora extinta Força Pública Paulista!

Passada a primeira onda de críticas, as pessoas mais próximas começaram a indagar o casal acerca de sua vida sexual. Nico sempre se chateava nessa hora, e afirmava:

- Vinícius de Moraes, o maior poeta desse País dizia que "enquanto eu tiver língua e dedo, nenhuma mulher me bota medo"

O tempo foi passando e o casal permaneceu junto até o final dos tempos para Nicodemos, o que no caso aconteceu 18 dias antes de ele fazer 100 anos. "Uma pena", diziam todos. "Ia ser um festão!"

Após a Missa de Sétimo Dia, que foi realizada na Igreja Matriz de Vila Verde, na qual muitos dos presentes sentiram como se Nico estivesse ali, Valentina tinha um compromisso. Ia se encontrar com Enzo no Motel mais chique da cidade, o La Belle.

Mas aquele ou qualquer outro encontro amoroso de Valentina jamais aconteceu. É que quando se dirigia ao Motel, Valentina percebeu que não estava mais sozinha no carro.

- Querida, se eu fosse você, não gastaria o dinheiro da minha aposentadoria com outro homem qualquer...

Agora, muitos anos depois, as pessoas dizem para aqueles que recriaram o amor peculiar do casal: Viu só como eles se amavam? Ela jamais teve outro homem depois dele!

A Autoestrada

Robson havia prometido participar do aniversário de 9 anos da filha Larissa, e estava atrasado. Na verdade, estava muito atrasado. E não queria perder o assoprar das velinhas novamente.

Por ser policial, ano passado ele já havia se ausentado em razão de um plantão, mas desta vez as coisas haviam se encaixado e ele saíra do trabalho a tempo de participar, se fosse rápido.

Enquanto trocava mensagens de WhatsApp com sua mulher Simone, perdeu o controle do carro e se chocou contra uma árvore a 120 Km/h.

Muito embora não acreditasse em espíritos e nem em nada dessas coisas todas, Robson - até então um exemplar cabo da Polícia Militar - se viu estirado no chão, muitos metros adiante de onde seu Onix prateado jazia, agora transformado em um amontoado de destroços.

Passados alguns instantes percebeu que não estava sozinho, pois um homem acompanhava tudo de longe, mas com muita curiosidade.

Ao aproximar-se, Robson perguntou ao homem, sem nem saber seu nome ou o que ele fazia ali, quase impassível:

- Eu morri?
- Como você ia rápido e bateu numa árvore, a morte me parece a opção mais provável...

Robson olhou seu corpo novamente e começou a chorar convulsivamente. Pensar que jamais participaria de outro aniversário de sua filha piorava ainda mais as coisas.

Entre uma lágrima e outra, conseguiu perguntar ao estranho, que ainda continuava ali, imóvel:

- O que acontece agora?
- Nada.
- E quem é você para saber disso, seu idiota?
- Eu não sou ninguém em especial, mas sei o suficiente para saber que a sua realidade não é mais nada do que tinha realmente sido programado para ser.
- E o meu corpo, como vão me achar? Preciso ser enterrado como gente, no túmulo da família!
- Fique calmo... Dentro de algumas horas o sol inclemente castigará o que já foi seu corpo, e ele passará a exalar um detestável odor adocicado de decomposição, chamando a atenção de todos os que passarem pelas redondezas.

Antes mesmo que Robson pudesse protestar contra aquela resposta cruel, o homem misterioso sumiu como se num passe de mágica, abandonando apenas imperar a escuridão total sem estrelas daquela noite fria de julho.

Casa Assombrada

Hugo já era um cara adulto, casado com Estela e pai de dois golden retrievers: Scooby e Homer.

Certa tarde, quando chegou do trabalho, se dirigiu até a cozinha, onde sua esposa fazia o jantar e decidiu comentar sobre uma conversa que ouviu no escritório:

- Amor, hoje os caras do escritório estavam falando sobre Espíritos que assombram casas...
- Certo...
- Eles diziam que os antigos afirmavam que Espíritos não entram na nossa casa sem permissão.
- Ainda bem! - Disse Estela em tom de gozação.
- Não caçoa, é sério.
- Não estou...
- Então, eles ficam parados nas portas e janelas esperando para serem convidados a entrar, ainda que de maneira indireta.
- Como assim?
- Por exemplo, sabe quando a porta abre sozinha, por causa do vento?
- Sei...
- Então, aparentemente tem gente que brinca com a situação dizendo: "Pode entrar".
- E?
- E coisas ruins acontecem, ué! O Espírito fica vagando pela tua casa, encostado nos moradores e visitantes até se tornarem obsessores.
- Credo Hugo! Deixa disso. Que besteira é essa agora?
- De acordo com os caras do trabalho, se a gente quiser verificar se tem alguma Entidade maligna rondando a nossa casa ou não, ao anoitecer, é preciso acender uma vela na frente da porta principal.
- Hum...
- Daí temos que dizer em um tom de voz calmo: "Se quiser entrar, a vela terá que apagar".
- E daí, o que acontece?
- Se a vela apagar, significa que o Espírito está ali e quer entrar, bastando para tanto, que você convide.

- E se a vela ficar acesa?
- Aí significa que não tem Espírito nenhum ali.
- E como faz para saber se a Assombração já entrou na casa?
- Nesse caso, a vela iria cair...

*** ** *** ** *** **

TRÊS SEMANAS DEPOIS

*** ** *** ** *** **

Assim que Hugo chegou em casa, percebeu que Estela estava perturbada, e os cachorros - geralmente calmos e gentis - estavam atijados.

- O que aconteceu, querida?
- Acho que tem Fantasma em casa.
- Por quê?
- Coisas caíram sozinhas hoje...
- Mas isso é normal, Amor!
- Hugo, se você não me ajudar, eu não vou conseguir dormir!
- Estela, você está exagerando.
- Eu não sou louca, Hugo!
- Não falei isso!
- Mas pensou!

Hugo, sabendo que aquela discussão iria muito longe se permitisse, e querendo precaver-se de uma noite mal dormida, já que no dia seguinte iria levantar cedo para uma viagem de negócios, logo propôs que testassem a questão da vela. Ele sabia em seu íntimo, que aquilo tudo não passava de uma idiotice, lenda urbana clássica, por assim dizer.

- Amor, pega a vela, o fósforo e um pires. Vou colocando duas cadeiras no lugar.

- Tá.

Cerca de cinco minutos depois, Estela já havia providenciado tudo e chegou a tempo de ver Hugo retirando o tapete que recebia a todos que chegassem na residência do Sr. e da Sra. Zanardi com uma frase bem humorada: "Cuidado com os donos. Os cachorros são do bem!"

Percebendo que as cadeiras já estavam postas lado a lado bem de frente para a porta, sentou-se ereta e assistiu ao marido preparar todo o resto para a experiência.

Após abrir a porta da sala, acender a vela e posicioná-la bem no centro da mesma, Hugo sentou-se ao lado de sua esposa e, como quem não queria nada, calmamente disse:

- "Se quiser entrar, a vela terá que apagar".

Como esperado, nada aconteceu com a vela, que se manteve exatamente como e onde estava.

Ainda assustada com a experiência realizada na sala de estar de sua casa, Estela perguntou ao marido, que a olhava com ar de riso:

- Isso quer dizer que não tem nenhuma Assombração em casa?

Mas antes que Hugo pudesse sequer arquitetar uma resposta que não desagradasse a Estela, o que lhe garantiria uma noite tranquila de sono, uma voz maligna e gélida respondeu à pergunta bem próximo ao ouvido dos dois:

- As coisas não são tão simples assim...

Elésio É Um Macho Raiz, Mas...

Elésio Pedroso é um senhor no auge dos seus 73 anos, magro, com uma barba branca sempre por fazer e de olhos azuis da cor do mar. Sim, ele nasceu no último ano da Segunda Grande Guerra Mundial, mas se fosse uns 20 anos antes, poderia ter lutado e acabado com a raça daquele tampinha do Hitler!

Em suma, Elésio era um sujeito que poderia ser classificado como macho raiz, daqueles que começou a trabalhar na roça com 9 anos e aos 18 já tinha sua própria casa, mulher e filhos. Por falar em esposa, se casou com a Dona Erminda quando ela tinha 16 anos e ele 17, ainda no sítio dos seus pais.

Nesse ano, eles já comemoraram 57 anos de uma união que lhes rendeu 8 filhos, 27 netos e 5 bisnetos. Elésio e Erminda gostam quando todos podem comer sob o mesmo teto, mas isso é cada vez mais difícil, pois cada um tem sua própria vida. Quem mais falta aos Natais é o neto Carlos, que se tornou correspondente de guerra do jornal O Estado de São Paulo e atualmente está na Síria, mas já passou por lugares tão ruins quanto, em especial Iraque, Israel, Palestina e Paquistão.

Apesar de sempre faltar das Ceias Natalinas, Elésio se enche de orgulho quando fala de Carlos, pois seu neto predileto é um verdadeiro macho. Sempre que possível, gosta de contar a vez em que ele quase foi implodido por uma mina terrestre.

Elésio e Erminda vieram para a cidade quando as coisas já não estavam mais dando certo no sítio. Isso foi em 1974. E, apesar disso, Erminda ainda se recusa a usar tecnologia. E não me refiro a tablets, smartphones ou computadores, mas sim a ferro de passar roupas elétrico, liquidificador ou fogão a gás. Para ela, as coisas feitas "do jeito antigo" são melhores e mais gostosas. Existe algo melhor do que um café coado no coador de pano? Não para Dona Erminda...

Aliás, Dona Erminda tem dois passatempos prediletos. O primeiro é ir à Igreja Matriz de Nossa Senhora das Dores. O segundo é falar das coisas do passado.

Quando deixaram o sítio, Elésio trabalhou uns tempos como servente de pedreiro, mas aquilo era pra gente mais nova e, portanto, com mais vigor físico. Ele se descobriu mesmo foi como taxista, ao comprar um ponto no Largo do Mercado após ouvir conselhos de Joaquim, o português da padaria Central. Isso foi em 1976.

Sempre que possível Elésio gosta de usar sapatos de camurça, calça jeans, cinto de couro devidamente acompanhado de um coldre - também de couro - para o seu canivete Bianchi, boné de lojas de materiais para construção e um relógio Citizen antigo, além de uma camiseta com a inscrição: "O que Jesus faria?" De acordo com ele, a peça ajuda a iniciar uma conversa com seus clientes. Ele realmente detesta gente que não conversa.

- É claro que a pessoa está me pagando pela corrida, mas custa conversar, poxa?

Nesses 42 anos de serviços prestados, teve vários carros e, apesar de agora dirigir um Toyota Corolla, o considera carro de mulherzinha. Ele gostava mesmo, quando as coisas eram mais simples e as conversas mais sinceras.

Naquele tempo, se podia transportar passageiros num Opala de 8 válvulas prateado. E ninguém reclamava quando ele fumava durante os trajetos. O único problema era que o carro bebia mais gasolina do que ele cerveja, mas na época isso não era um grande problema, já que o litro saía por meros centavos. Tanto o da gasolina, quanto o da cerveja.

Apesar de ser um cara religioso e de não querer fazer maldades para "nenhum ser vivo que rasteja pela Terra", Elésio carrega no porta-luvas um 38 "canela seca" desde 1986. É que, com a saída dos Militares do Governo, os vagabundos passaram a dominar tudo. Conforme sempre diz, "a esquerda acabou com o Brasil".

- Antes a mãe dele chorando do que a minha, tá ok? Essa gente não pensa duas vezes para te transformar em um cara a ser lembrado!

Aliás, desde que votou no Bolsonaro ainda no primeiro turno, apesar de "não ser mais obrigado a votar", como faz questão de ressaltar, incorporou ao seu vocabulário a expressão "tá ok" em homenagem ao único homem que considera ser capaz de "dar um jeito nas coisas" para que seus netos e bisnetos possam "andar tranquilos pelas ruas".

O currículo másculo raiz de Elésio é realmente invejável. Jamais deixou faltar comida em casa, todos os seus descendentes são gente de bem e ele jamais havia traído sua velha. "Ela tá só o pó, mas é minha", costuma dizer em tom de brincadeira.

No alto dos seus 73 anos, era de se esperar que comesse somente coisas saudáveis. Mas esse não é o caso. Sua alimentação é baseada em carnes gordas, pimentas, calabresa e bacon, tudo besuntado em maionese Arisco, sempre que possível. Não é muito chegado em doces, mas caso fique para a sobremesa, costuma escolher os caseiros, em especial doce de abóbora, cidra e pudim.

Quando chega do trabalho Elésio vai diretamente tomar banho. Após, aprecia uma única dose de Velho Barreiro enquanto fuma seu cachimbo pensando na vida. Esse é o tempo necessário para que Erminda sirva o jantar.

Após esse momento fundamental - que nos últimos anos se tornou somente dos dois - ele se despede e vai para o quarto, onde aos pés da cama, se ajoelha para agradecer à Deus por mais um dia. Pede também pela saúde dos familiares, pela alegria dos amigos e clama para que nunca lhe falte o básico.

Assim que se deita, o sono não tarda a chegar. Aliás, suspeita que o peso da idade esteja finalmente cobrando seu preço, pois nos últimos anos, sequer consegue ficar deitado e acordado ao mesmo tempo.

Quando acorda, sempre às 4:30 da madrugada, inevitavelmente ouve o barulho de Ermindá mexendo as panelas e sente o cheiro de ovos com bacon sendo fritos no fogão à lenha. Junto com uma boa caneca de café preto e sem açúcar, tal refeição o faz aguentar firme e forte até a hora do almoço, às 11.

Elésio também é querido por todos em sua cidade, a pequena Vila Verde. Tanto que ganhou um título de Cidadão Honorário da Câmara Municipal e outro de Amigo da Polícia. Fora casamentos e formaturas, essas foram as duas únicas oportunidades em que ele usou terno.

Como se vê, a conduta de Elésio é irretocável. Ser pai responsável, marido amoroso e cidadão exemplar, são apenas algumas das suas inúmeras qualidades. Ser um macho raiz também é um traço marcante em sua personalidade.

A única mácula que Elésio traz em seu currículo vem da área médica, e não tem nada a ver com o exame de toque, pois "a gente prova a nossa masculinidade na cama, e não no hospital", costuma dizer para os seus amigos que zombam de quem vai ao proctologista de tempos em tempos...

A única vergonha de Elésio, que não teme sequer a própria morte "a essa altura do campeonato", é o seu pavor das agulhas. Sempre que precisa tirar sangue, tomar soro ou receber a dose anual de uma vacina qualquer, sofre com insônia, sua frio e perde toda a costumeira alegria de viver. Sua vida se torna cinza até que aquilo tudo se acabe.

Quando está na fila do Posto de Saúde e sabe que tem um encontro com a maldita agulha, se sente como um porco sendo levado para o abate: Não deixa de seguir o seu caminho, mas sabe que o fim está próximo.

Quando chega sua vez, cumprimenta cordialmente a moça que vai lhe furar, repuxa a manga da camiseta e respira fundo esperando pelo pior, olhando fixamente para a área a ser atingida. Ao menos quer saber que horas será golpeado.

Ao sair do Posto de Saúde, mais uma vez respira aliviado por não permitir que ninguém conhecesse seu único ponto fraco, pois já é um senhor com 73 anos, poxa vida. Ademais, nunca custa lembrar, é um bisavô de família. E, mais do que tudo, tem uma reputação a zelar.

Não, ninguém jamais conhecerá seu calcanhar de Aquiles. Nem a amada Erminda.

O Mensageiro Do Futuro

Meu nome é Elton e vivo no futuro. Em 2048, mais precisamente. Talvez você ache que tenha tirado a sorte grande por poder assistir a um vídeo do futuro, mas não. Viver aqui é uma merda. Os carros não são voadores, mas apenas autônomos, o que já é alguma coisa.

Não podemos mais ver a luz do Sol ou sair nas ruas porque a poluição tomou conta de tudo. A fumaça tóxica produzida pelas indústrias acabou com a maioria absoluta da biodiversidade. Restaram apenas os cactos, baratas e coisas assim. A temperatura também subiu muito. Mas não é tão ruim quanto poderia ser, pois criamos cidades subterrâneas e deu para seguirmos adiante.

O ruim mesmo, são os mimimi, como vocês dizem aí na sua época. Não podemos enviar chocolates ou flores para as mulheres, sob pena de sermos processados e presos por cinco anos, sob a acusação de assédio. É isso mesmo. Não estou falando de estupro e nem nada disso. Estou falando de cantadas bobas e bilhetinhos inocentes! Pois é cara, a época dos galanteadores como o Vinícius de Moraes já faz parte do passado para nós dois, mas aqui para mim, a coisa está muito pior. O Governo está quase conseguindo implantar uma espécie de Polícia do Pensamento, como naquele livro do Orwell, lembra? Como chama o livro mesmo? Era uma data mais ou menos próxima do tempo em que você vive... ah, 1984. Não que isso mude muita coisa nos rumos da nossa conversa.

Outra coisa que acabou foi a Amarula, porque vocês mataram os bichos, o povo e até mesmo o espírito da África. Gostou do meu trocadilho infame com o slogan da bebida? Vamos lá, não foi tão ruim...

Outra coisa bem ruim que aconteceu aqui, foi a propagação do vírus na internet. Sei que para vocês isso já é um problema, mas agora as coisas ficaram piores, porque tudo é controlado pela rede mundial de computadores. Geladeiras, carros, marca-passos, sistemas internos das casas e, claro, os celulares, computadores e tablets. Esses dias um cara morreu

porque não tinha grana para pagar um hacker que invadiu o seu carro durante uma viagem e cortou os freios do veículo, que colidiu com um caminhão dos Correios.

Bom, já falei demais. Não vim aqui para dar algum tipo de alerta ou sei lá o que. Vocês já falharam. Falharam enquanto filhos, pais, amigos e até mesmo como seres humanos. Não dá mais tempo de consertar toda essa lambança. Apenas aproveite o tempo que ainda lhe resta para sentir o calor do pôr do Sol em seu rosto.

No Meu Tempo, As Coisas Eram Muito Melhores Do Que Hoje

João Martinez era um cara nascido no ano de 1952, e não tinha nenhuma grande experiência de vida muito especial para contar. Era um cara magro, de olhos azuis intensos que contrastavam com suas rugas e pele morena. Seus cabelos eram brancos e cortado ao estilo tradicional.

João havia se casado aos 20 anos, e desde então trabalha para "manter as coisas em ordem", como gosta de dizer para sua esposa Efilásia. Primeiro vieram as filhas Pâmela, Cristina e Ana. Quando achou que poderia pegar mais leve no trabalho, a primogênita decidiu se casar. As outras duas não tardariam a seguir o mesmo destino, mas isso não o aborrecia, pois todas se casaram com bons caras.

Um deles, inclusive, se chamava Carlos Negromonte e trabalhava com ele nas empreitadas que pegava.

João era um ótimo pedreiro, além de ser um cara honesto. Por isso, nunca lhe faltava serviço. Pelo contrário, muitas vezes teve que dispensar uma coisa ou outra, por não conseguir dar conta de tudo.

Quando achou que poderia se aposentar, vieram os netos. Eram 5 até agora, sendo que apenas sua filha do meio, Cristina, estava "lhe devendo um segundo filho", sempre dizia com um sorriso no rosto.

Ultimamente, Seu João, como era conhecido pela maioria das pessoas, se desdobrava para - junto com seu cunhado Carlos - entregar uma pequena galeria de lojas no centro de Vila Verde para que o proprietário pudesse alugar tudo a tempo de aproveitar as compras de Natal.

Enquanto Carlos dava os últimos retoques na pintura, João fixava placas de "Proibido Fumar" por todo o lugar, somente

parando o serviço para acender seus cigarros, os quais consumia sem parar.

Sua família achava que ele fumava dois maços por dia, mas na verdade já estava indo para o terceiro. Quando perguntavam se ele não iria parar com aquilo antes que morresse, sempre respondia que no alto de seus quase 69 anos, mudar qualquer hábito, por pior que fosse, só lhe traria sofrimentos desnecessários.

- Porque você está rindo como uma égua velha, Carlos?
- Por nada, Seu João!
- Não minta para mim, seu desgraçado. Sou capaz de sentir o cheiro da mentira quando presencio uma!
- É que o senhor está fumando como uma chaminé enquanto instala placas de "Proibido Fumar" ...
- Nossa, e isso o faz rir como uma puta velha? Imagino como deve relinchar quando ouve uma daquelas boas piadas contadas pelo Ary Toledo!
- Que Ary Toledo que nada... os piadistas da moda agora são outros!
- E esse é justamente o problema, Carlos. No meu tempo, as coisas eram muito melhores do que hoje. Você podia andar pelas ruas sossegado, sem temer ser assaltado. As crianças podiam brincar na calçada até tarde da noite sem que algum pervertido estivesse à espreita para atacá-las! Isso sem falar que se alguém ferisse sua honra, você podia simplesmente chamar o desgraçado para a rua e resolver tudo no braço!
- Sei...
- Mas isso não era tudo! Se você tivesse a oportunidade de provar as comidas do meu tempo, teria nojo das que somos forçados a comer hoje em dia! Eles diminuíram o açúcar, a gordura e o sal de tudo. Pode ser até mais saudável assim, mas o gosto é bem pior. Veja a Manteiga Aviação, por exemplo, foi perdendo a cor amarelada e ficou quase tão branca quanto uma margarina vagabunda qualquer! Isso sem contar ainda, que eles passam conservantes e agrotóxicos em tudo! Isso ainda vai matar a todos nós de câncer, mais cedo ou mais tarde, escute o que digo.
- Minha mãe realmente diz que as maçãs de hoje não têm gosto algum e...

- Ela está certa! A sua geração jamais vai poder comer uma maçã que preste, sabe por quê? Porque a última boa maçã que comi, foi no início dos anos 80! Mas isso não é o pior...
- Então o que pode ser pior do que isso? - disse Carlos em tom zombeteiro.
- Hoje as nossas crianças estão crescendo todas "sensíveis" demais. Se o coleguinha a chama de qualquer coisa na escola, já dizem que é bullying e tal, aí chamam os pais para um bate-papo lúdico e não sei mais o que. No meu tempo, se minha mãe fosse chamada na escola, a cinta comia em casa, ainda que eu não tivesse culpa de nada. Quando criança, todos tínhamos apelidos depreciativos e ninguém morreu ou ficou doente por isso. No meu grupo de amigos, por exemplo, tinha o Alemão, o Zé Ruela, o Escuridão e o João Mancada. Além de mim, que era chamado de Pau de Vira-Tripas. Todos sobrevivemos e, muito embora nos chateássemos com algumas brincadeiras, seguíamos adiante.
- Mas todo esse povo aí já não morreu Seu João?
- Sim, todo mundo morreu. E essa é uma das coisas mais chatas dos tempos atuais. Quase todo mundo que eu gostava, já morreu.

O Último Caso

Os moradores do bairro Campo Limpo, localizado na abastada periferia de Vila Verde, contam com o privilégio de admirar o belo descampado que lhes emoldura as janelas, principalmente quando os últimos raios de Sol com seu tom alaranjado único toca a grama nas tardes quentes de verão. Um desses residentes é o Advogado Dr. Phídias Mascarenhas de Moraes.

Dr. Phídias, como era mais conhecido, advogava há 65 anos e, no alto de suas 87 primaveras, já não via mais magia alguma no trabalho. Queria ter se aposentado aos 60, mas então sua neta Carla foi aprovada na Escola Paulista de Direito. Ela precisaria de dinheiro extra para se manter na Capital por ao menos 5 anos. Phídias havia assumido a criação da neta juntamente com sua esposa, Clotilde, após o único filho do casal, Rafael, sofrer um acidente que lhe ceifou a vida imediatamente e a de sua esposa Fernanda após uma semana de internação. Os dois faziam uma viagem aos Alpes Suíços e haviam deixado a pequena Carla, com então 11 anos, passar as férias de verão com os avós.

Caso sua pupila lograsse êxito e fosse aprovada no Exame da Ordem - o que aconteceu logo na primeira oportunidade - Phídias precisaria trabalhar ainda mais uns 5 anos para garantir que sua nada desprezível cartela de clientes se acostumassem com Carla e então ele se aposentaria. Teria 70 anos quando isso se concretizasse.

Mas não foi assim que aconteceu. Quando o Velho Advogado se preparava para "pendurar a beca", como costumava dizer, um grande caso surgiu diante de seus olhos: O Banco Verde Oliva havia institucionalizado a pedalada fiscal e seu balanço não correspondia com a realidade há ao menos 9 anos. Quando os clientes se atentaram para tal fato, já não era mais possível fazer nada senão enfrentar uma longa batalha judicial.

Percebendo que Carla não teria ainda a malícia necessária para vencer os escrúpulos de uma grande corporação, decidiu adiar a aposentadoria. Se vencesse, até sua neta poderia se

aposentar, pois os honorários sucumbenciais seriam realmente vultuosos.

Quando finalmente venceu o processo, Dr. Phídias tinha 82 anos. Desde então, estava se "preparando para parar", mas não podia ser "de repente", pois ainda "tinha alguns processos em andamento". A partir de 1987, o Decano da Advocacia Vila Verdense já não pegou novas causas, repassando todas as que lhe chegavam às mãos para Carla, sua já experiente neta Advogada. Só que levou mais cinco anos para chegar ao que considerava o fim de sua demasiada longa carreira.

Bem, mais ou menos. A verdade é que, para encerrar as coisas de vez, ainda faltava um único maldito processo. E sua audiência de segundo grau estava marcada para o dia 18/11/1991. Não seria um grande problema se duas audiências não tivessem sido marcadas para o mesmo dia e hora.

- Não gosto quando isso acontece - disse Phídias.
- Sem problemas, eu te cubro - respondeu Carla.
- Não é esse o problema...
- Então qual é, Vovô?
- É que todas as vezes que duas audiências são marcadas no mesmo exato dia e horário, uma das partes morre.
- Deixa disso, Dr!
- Estou falando sério, minha neta. Já aconteceu umas 6 vezes ao longo da minha carreira.
- Credo!
- Bom, enquanto não for um de nós, estará tudo OK - disse animadamente Phídias, apenas para encerrar o assunto.

*

O DIA DA AUDIÊNCIA

*

Chegado o dia da Audiência, Dr. Phídias acordou bem disposto, e isso era raro nos tempos atuais. Se levantou, arrumou a cama - tarefa que assumiu com a morte da esposa, três anos antes - e foi fazer o café para Carla. Desde sempre, se acostumou a chamá-la por "minha menina", mas o fato verdadeiro era que de menina, Carla já não tinha mais nada. Era uma moça formada física e profissionalmente. O cara que se casasse com ela seria um sortudo. Bonita, inteligente, educada, simpática e rica. Enfim, um belo partido.

Antes de sair, foi até o quarto da neta e despediu-se como sempre, dando-lhe um beijo na testa.

- Vovô já vai. Beltrame já está me aguardando.
- Tá. Boa viagem Vô. Não vá ficar parando nos postos de gasolina pelo caminho. Para não se atrasar.. o trânsito de São Paulo está cada vez mais impossível.
- Se eu não parar a cada uma hora, miijo nas calças - disse rindo e se afastando.

Beltrame era um policial aposentado que, após deixar as fileiras da Polícia Militar, havia sido contratado pelos Mascarenhas de Moraes para ser-lhes um faz tudo. E era ele quem dirigia para Phídias, desde que este não conseguira mais renovar sua Carteira Nacional de Habilitação devido à idade avançada. Isso foi há quatro anos.

Assim que entraram no carro, um Monza Classic, Beltrame logo tratou de puxar assunto, como sempre fazia:

- Vamos parar para comprar Pastel de Belém?
- Claro. Senão Carla me mata. Ela adora esses doces.

Aquela era uma manhã fria, apesar de já estarem oficialmente na Primavera. Mas a viagem transcorreu bem, como tinha de ser. Até o trânsito ajudou naquele dia.

Lá pelas tantas, quando estavam nas redondezas do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, que é o maior tribunal do mundo todo, Beltrame - do nada - pergunta para Phídias:

- Se o Dr. estivesse com a Morte, o que diria para ela?

A resposta demorou tanto para vir, que o Motorista começou a se perguntar se, mesmo a despeito da longa amizade e companheirismo existente entre os dois, não tinha ido longe demais dessa vez.

- Eu diria para ela: Chegou cedo para a saída!

Tal resposta, bem característica de seu velho amigo, fez com que Beltrame risse até a barriga doer.

Assim que estacionaram o carro nos fundos do Tribunal, onde havia algumas obras de arte de gosto duvidoso e sempre uns dois ou três mendigos, Phídias pulou do carro, pegou sua maleta numa mão e a beca na outra.

- Preciso mijar. Fique por aí, que assim que eu resolver esse assunto, vamos almoçar no Rei do Churrasco!

Após ter "se aliviado", como costumava dizer, Dr. Phídias vestiu sua beca e se dirigiu até a 5ª Câmara de Direito Criminal. Era lá que ele tentaria livrar a pele de seu último cliente.

Após ter se inscrito para usar a Tribuna durante o julgamento, sentou-se numa das confortáveis poltronas disponíveis nos amplos corredores da Casa de Leis Bandeirante e aguardou.

Não tardou para que reparasse nas vestimentas de suas colegas Advogadas. A maioria delas com vestidos curtos e muito decotados. Tal fato desagradava muito ao Velho Operador do Direito, pois além de desrespeitoso, Phídias considerava que toda aquela falta de pano não passava de estratégia para

conquistar um ou outro Desembargador que porventura fosse um perverso sexual. Isso sem contar que os homens ainda saíam mais em desvantagem, pois tinham de estar com terno completo sob pena de não poderem adentrar na sala de julgamento, o que os obrigava a passar muito calor.

Enquanto pensava no assunto, um jovem colega pediu permissão para se sentar ao seu lado e logo foi abrindo seu laptop.

- Se é que posso lhe perguntar, filho..
- Claro!
- Por que você está lendo sua Petição Inicial agora?
- Para refrescar a memória e..
- Pare com isso. Só te deixa nervoso. Se você chegou até essa altura do campeonato, é porque já sabe de cor esse processo.
- Tem razão..
- Pelo menos funciona comigo.
- Bom, já que o Doutor me fez uma pergunta, posso lhe fazer outra?
- Vá em frente.
- Como faz para estar atuando já com idade tão avançada?
- É só você ter que vender o almoço para comprar a janta!
- Para de brincadeira Doutor - disse o jovem rindo.
- Falando sério. Quero parar. Muitos anos já se passaram. Não consigo mais me ajustar. Tudo mudou. As leis, os costumes e até os valores sociais. O Mundo de hoje é muito diferente daquele em que me formei. Hoje você já não olha mais no olho das pessoas, não sabe mais quem são os advogados da cidade e muito menos se eles são confiáveis ou não. Tudo isso acabou por causa do maldito computador! Confesso que não gostava de datilografar três vezes a mesma coisa, mas era melhor do que ficar entocado no escritório o dia todo.
- Entendo... e por que o senhor está aqui hoje?
- Quero tentar livrar a pele de um sujeito que matou o vizinho porque este falou mal do seu cachorro.
- Nossa, só por isso?
- Só.
- Hoje em dia a vida vale tão pouco..
- Pois é. Mas, mudando de assunto, qual é mesmo o seu nome?
- Rodolfo! Prazer em conhecê-lo, Dr..

- Phídias.
- Rodolfo, você sabia que quando uma pessoa morre, seu cérebro ainda tem 7 minutos de atividade? E que nesse tempo, ela revê suas memórias em uma sequência de sonhos?
- Não... que interessante!
- Pois é. Sempre gostei de curiosidades.
- Eu também...
- Gosto muito daquela revista, a National Geographic. Tem curiosidades e fotos bonitas.

*

APÓS A AUDIÊNCIA

*

Quando voltou ao carro, a primeira coisa que Phídias disse foi:

- Precisamos almoçar. Estou realmente com fome. Essa droga de Audiência levou a vida toda para acontecer!
- Mas ao menos o Dr ganhou?
- Sim, mas demorou tanto que eu já estava quase desistindo em prol de um bom pedaço de carne assada - disse rindo.

O Rei do Churrasco ficava no KM 38 da Castello Branco, sentido Vila Verde. Assim que estacionaram o carro numa vaga relativamente próxima da porta, Beltrame chamou:

- Dr. Phídias, acorde! Chegamos...

Como nenhuma resposta veio, Beltrame tocou as mãos do amigo. Elas estavam frias, mas ainda não enrijecidas. A vida era realmente ingrata. O grande Dr. Phídias Mascarenhas de Moraes morreu dentro de um carro, quando voltava de seu último trabalho. E com fome.

De tudo, a única coisa em que Beltrame conseguia pensar, era que a vida de Carla perderia a cor, pois junto com o Avô querido, a moça perderia uma parte de seu coração assim que soubesse da triste notícia.

A Ligação

Tatiana era uma arquiteta de sucesso, que colhia os frutos de seu trabalho honesto. Mas assim como sempre foi dito pelo seu Pai, a vitória também tem consequências desagradáveis.

Uma delas era tomar calote daqueles que contratavam seus serviços e não pagavam. A coisa estava tão sistêmica, que o seu Escritório tinha até contratado um Advogado para resolver esse tipo de assunto, principalmente.

Dr. Rafael, na maioria dos casos, conseguia receber os valores devidos. Ainda que tivesse que penhorar um carro ou televisões de pouca serventia para Tatiane. Os fundos do Escritório já se pareciam muito com o setor de TV's da Casas Bahia, e isso era motivo de chacota entre os funcionários.

Mas, às vezes, Dr. Rafael não conseguia resolver a questão e dizia para Tatiane:

- Ganhamos, mas não levamos.

Com o tempo, a moça começou a se revoltar com aquilo e decidiu fazer algo a respeito.

E esse "algo a respeito" envolvia contratar um facilitador, que no caso era um cobrador de dívidas.

Samuel, ou "O Cobrador", era o responsável por fazer as coisas acontecerem quando Dr. Rafael já havia esgotado as possibilidades pela via jurídica.

Dessa vez, o alvo de Samuel era Jairo, um dono de postos de gasolina de Vila Verde, que era conhecido por não honrar seus compromissos financeiros.

O Cobrador procurou Jairo três dias antes e disse, nos portões da casa do Caloteiro:

- Você tem 72 horas para pagar os 11 mil que deve para Tatiane. Espero não ter que te ver novamente.

Antes mesmo que Jairo pudesse argumentar, O Cobrador já tinha sumido pelas sombras.

Como Jairo era um caloteiro por excelência, não se deixou intimidar. E foi justamente por isso que estava agora, com as mãos e pernas amarradas, encapuzado e com silver tape na

boca, sendo levado para a Zona Rural da cidade no portamalas da D-20 de Samuel.

Quando chegaram no local, havia um descampado que provavelmente servia de pasto para vacas, mas como era de noite, elas deveriam estar no estábulo.

Jairo estava horrorizado, afinal, brutalidade semelhante jamais tinha acontecido. A máxima consequência que tinha enfrentado por ser caloteiro era um soco na boca, por não ter pagado o conserto de seu Jeep ao Inácio, mecânico tradicional de Vila Verde. Doeu, mas não tanto.

Mas o que realmente deixou Jairo desesperado foi constatar que uma vala havia sido aberta no meio daquele pasto. Isso o fez chorar convulsivamente. Além de urinar nas calças.

Samuel retirou o capuz e a silver tape da boca de Jairo. Gostava de conversar com os alvos em seus momentos finais. Era tipo uma tara, sabe?

- Não era mais fácil ter honrado seus compromissos? - indagou Samuel.
- Eu tenho dinheiro, posso pagar!
- Agora não queremos mais pagamento. Precisamos de você para servir de exemplo aos demais.
- Eu dou 1 milhão para ela! Dou acesso para vocês, de uma conta que tenho na Suíça!

Aquilo foi realmente inesperado, e Samuel não poderia decidir sozinho. Precisava arriscar e ligou para Tatiane de seu telefone criptografado:

- Alô?
- Fica tranquila que essa linha é segura.
- Diga.
- O Caloteiro te ofereceu acesso à uma conta na Suíça, que tem 1 milhão, para não ser morto.
- Tentador.
- Por isso liguei.
- E como seria isso?
- Ele me dá acesso à conta, e a gente transfere tudo para uma outra conta. Coisa simples. Dinheiro limpo e não rastreável.
- Pode fazer.
- Mas e depois eu o deixo ir?
- Não! Senão ele pode vir atrás da gente.
- Ok.

Samuel voltou até o local onde Jairo - agora um pouco mais calmo - estava e disse.

- Trouxe boas novas. Minha Patroa aceitou sua oferta.
- Graças a Deus!
- Nós vamos fazer o seguinte. Vou soltar suas mãos e te devolver seu celular. Você vai liberar o acesso da conta para Dona Tatiane e aí eu vou para a casa tomar um banho. Ok?
- Certo.
- Se você tentar algo, já sabe.
- Certo.

Após Jairo ter completado os procedimentos necessários, Samuel lhe libertou das amarras que restavam em suas pernas e disse:

- Pronto, agora nossa situação acabou.

Fingiu que deixaria o Caloteiro sozinho na madrugada e dirigiu-se para a D-20.

Tendo tomado certa distância da vítima, Samuel virou-se, sacou Catarina, seu revólver 38 de cano curto, e efetuou três disparos no peito de Jairo, que caiu imediatamente.

Valendo-se de suas últimas forças, enquanto era arrastado por Samuel para perto da vala que fora aberta mais cedo, reclamou:

- Mas você prometeu que eu estaria livre!
- Assim como você, não sou bom cumpridor de palavras. - Disse Samuel.
- Seu desgraçado!
- Além do mais, não poderia desperdiçar uma vala aberta. Gosto de matar. Ainda mais quando os alvos merecem.

A Mala

Carla e Beto eram um casal desses modernos, que ao invés de se casarem na Igreja para obterem as bênçãos de Deus, simplesmente decidem "juntar os trapos". Ou "viver em pecado", na visão de Marisa, mãe de Beto.

Como toda história a dois, a deles também tinha altos e baixos, mas no geral, eram felizes. Não ofendiam um ao outro, ambos cumpriam com a sua parte das responsabilidades e jamais dormiam brigados, ainda que uma DR pudesse lhes custar uma boa noite de sono.

Mas havia uma única coisa que incomodava a Carla de verdade: Quando Beto veio morar com ela, deixou uma mochila com suas roupas atrás da porta do quarto.

No início, Carla pensou que Beto apenas estava esperando que ela lhe indicasse onde guardar tudo aquilo. Mas ele não tomou providências quando ela disse que ele podia ficar com a segunda gaveta da cômoda e com a quarta porta do guarda-roupas.

Ano passado, eles tiveram um entrevero porque Carla alegava que, além da "maldita mochila" atrapalhar a varrição da casa, as roupas já deveriam ter embolorado depois de ficarem seis meses sem ver a luz do dia. Mas Beto, ainda assim, ficou irredutível: - Deixa a mochila onde está! Ali ela não fala mal de ninguém!

Com o tempo, a mente de Carla foi criando uma fantasia sobre o assunto, e agora ela decidiu que era hora de saber o que sua melhor amiga, Rafaela, achava do assunto.

- Amiga, não sei por que aquela mala fica sempre atrás da porta!
- Você já verificou se tem só roupa dentro?
- Claro! Três vezes!
- Então vai ver que essa mochila existe para o caso de algum dia você terminar com ele.

Aquilo tocou Carla tão profundamente, que ela começou a chorar. Jamais terminaria com Beto, que era o grande amor da sua vida, mas agora achava que Rafaela tinha razão em parte. Talvez seu amado companheiro deixasse a mochila preparada para o caso de se encher de "brincar de casinha" e quisesse voltar a ser solteiro.

Mas a verdade era muito mais simples do que isso, e Beto já havia revelado muito antes de tudo começar: A mochila ainda estava ali porque ele, assim como a grandiosa maioria dos homens, tinha preguiça de desfazer malas.

Carregando O Caixão

Ernestina estava com 76 anos, havia tido um casamento feliz com Rodolfo, falecido ano passado e, de uma maneira geral, não podia reclamar da vida.

Seu único desgosto era com o casamento da filha. Em suas palavras, tudo estava dando errado desde que a "Heloísa passou a andar com o William". Apesar de a união do casal ter sido concretizada há apenas dois anos, a Matriarca da Família Souza realmente detestava o genro com todas as forças.

Quando rezava todas as noites, seus pedidos eram sempre em prol da família, dos amigos, dos conhecidos e das "pessoas de bem em geral". Costumava pedir também pela saúde de todos.

Ernestina não era uma má pessoa, e por isso não costumava desejar o mal das pessoas, mas se o fazia, não passava de um lampejo de pensamento, que logo se esvaia.

Mas nos últimos dias, sentia que precisava se confessar. Foi para a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, que ficava no centro de Vila Verde e pediu para falar com o Padre Alcides.

Sabendo da religiosidade aflorada de sua fiel e percebendo sua angústia, o Sacerdote parou o que estava fazendo e a atendeu na mesma hora.

- Que mal lhe aflige, minha filha?
- Sabe, Padre... Eu rezo todas as noites.
- Isso é ótimo! Precisamos manter contato com o Criador.
- Mas nos últimos dias...
- Diga. É sempre bom desabafar!
- Nos últimos dias, tem sido cada vez mais recorrente em minha mente, um pensamento impróprio!
- Pensamentos impróprios são errados, como o nome já diz. Mas no nosso nível espiritual, são comuns. E qual seria?
- Não gosto do meu Genro... E tenho desejado muito, mas muito mesmo, que ele morra!
- Isso é pecado, minha Filha! Somente o Senhor pode determinar a vida ou a morte de um dos seus!
- Eu sei, Padre. Sei que peço. Mas não é só!
- Então diga!
- Quero que ele morra, só para eu ter o prazer de carregar o seu o caixão!

A Entrevista

Repórter:

O Dr. acha que eles são perigosos?

Delegado:

Com certeza, pois esses meliantes agiram drogados. Fora do estado normal de consciência, todo mundo é perigoso.

Repórter:

Como assim?

Delegado:

Você pode ver isso nos olhos deles!

Repórter:

O Dr. não está fazendo um pré-julgamento do Acusado?

Delegado:

Claro que não! Caras como esses são capazes de qualquer coisa. Pelo fato de nem eles mesmos saberem o que estão fazendo.

Repórter:

Para mim esse comentário é estranho, pois não tem embasamento científico. O Dr. os manterá presos por puro preconceito.

Delegado:

Minha filha, se esses caras não sabem nem o que estão fazendo, como saberão do minuto seguinte?

Repórter:

Mas o Dr. pode garantir que eles irão cometer novos crimes se forem soltos?

Delegado:

E você pode garantir que eles não irão cometer novos crimes se forem soltos?

Repórter:

Essa não é minha função.

Delegado:

Nem a minha, por isso eles ficam presos e a gente tem a certeza de que um novo crime não ocorrerá até que eles sejam julgados, condenados e - após cumprir a pena - soltos.

Repórter:

Mas aí eles não vão poder cometer novos crimes?

Delegado:

Sim, mas não fui eu quem fez a Lei. Eu só a cumpro. Se dependesse de mim, não teria nem bandido, e eu teria que ter outra profissão.

Repórter:

E esse foi o Delegado Malaquias, dando uma entrevista exclusiva para a TV Vila Verde. Eu sou Catarina Mendonça, e te vejo em breve no Crimes da Cidade.

Encontros Com A Morte

Júlio estava com 27 anos e ainda morava com os pais. Diferentemente do que acontecia com os seus amigos, ele queria mudar essa situação de dependência econômica e queria trabalhar com o que quer que fosse.

E esse "o que quer que fosse" incluía a vaga de auxiliar de necrópsia, emprego que estava sendo oferecido pela Prefeitura de Vila Verde.

Passar no concurso foi tranquilo, pois ninguém queria a vaga. Existia uma lenda na cidade, de que coisas sobrenaturais aconteciam no Necrotério Municipal.

- Júlio, você não pode trabalhar no Necrotério - bradou Geni, sua mãe.

-- --- Três meses depois --- --

Júlio já estava se habituando na nova função e continuava plenamente convicto de que toda aquela baboseira sobre o Necrotério Municipal ser assombrado não passava de lenda urbana.

Aos amigos, parentes e conhecidos, todos curiosos com o seu trabalho e com a questão da lenda, sempre dizia:

- Eu temo mesmo são os vivos. Por isso sempre carrego esse canivete em meu kit de sobrevivência!

No trabalho, suas atividades incluíam levar os corpos para a geladeira, catalogá-los e, quando lhe fosse solicitado pelo Médico Legista Dr. Marcos, prepará-los para a autópsia.

A única inconveniência de seu trabalho era o fato de que ficava sozinho boa parte da noite, vez que os trabalhos aconteciam durante o dia. Era um pouco solitário, mas também propiciava que pudesse ler muito ou ver TV, se essa fosse sua vontade. Não podia dormir, primeiro porque considerava antiético e segundo porque deveria estar atento para o caso de algum bandido querer dar um destino diverso para algum dos corpos existentes no local.

O Necrotério de Vila Verde era grande pois, apesar de a cidade ser de porte médio, atendia toda a região, a qual abrangia 19 municípios circunvizinhos. Assim, suas 50 geladeiras estavam quase sempre lotadas.

Certa noite, no auge do inverno, Júlio decidiu pedir uma pizza, algo que fazia todas as sextas-feiras. Decidiu criar a regra porque estava engordando de tanto comer lanches no lugar do jantar.

Abriu a porta para receber a encomenda, pagou o motoqueiro e foi direto para a sua sala, que ficava ao lado da que continha as geladeiras.

Sem deixar a pizza cair, sacou seu canivete e bradou:

- Quem é você? Como entrou aqui?
- Sou a Morte, não está me reconhecendo só porque estou sem o capuz e a foice?
- Que brincadeira mais sem graça! Saia da minha cadeira e dessa propriedade. Senão chamo a Polícia!
- Por que tudo isso? Toda essa agressividade? Guarde esse canivetezinho Júlio! Contra mim ele não serve de nada! Aliás, receio dizer que ele não serve pra muita coisa nem contra os vivos!
- Vou chamar a Polícia!
- Vai passar vergonha e ser tido como louco, pois somente você pode me ver. Os Tiras não vão gostar de serem chamados à toa... Vou evitar todo esse dissabor e dessa vez vou para outro lugar. Mas volto qualquer dia desses, pra gente conversar sobre a história desses Presuntos que você guarda aqui do lado!

E, foi assim, como num passe de mágicas, que a Morte simplesmente desapareceu bem diante dos olhos de Júlio.

-- --- 17 dias depois --- --

Logo após o acontecimento, Júlio percorreu todo o quintal do Necrotério Municipal e entrou em todas as salas buscando locais onde o invasor poderia ter entrado. E não localizou nem mesmo uma brecha, quanto menos uma violação ou arrombamento.

Comendo sua pizza, porque dizer que a saboreou seria forçar a amizade, decidiu que não contaria nada para ninguém. Nem mesmo para sua mãe.

Com o passar dos dias, começou a duvidar do que tinha visto. Talvez fosse coisa da sua cabeça, afinal, a privação de sono pode ser alucinógena, como havia lido na Internet uma vez...

Foi quando, no 17º dia após o seu primeiro encontro com a Morte, a viu no reflexo do espelho do banheiro de sua casa.

- Estou passando apenas para que você não se esqueça de mim e passe a acreditar que a nossa primeira conversa não passou de um sonho!
- O que você quer de mim?
- Apenas conversar!

E, de novo, a Morte apenas sumiu do espelho de Júlio, deixando-o perturbado.

Sua mãe já havia notado que ele estava ficando estranho - paranoico seria a melhor definição - e começou a se preocupar, mas nada disse.

Naquela mesma noite, quando foi trabalhar, Júlio estava perturbado. Não conseguia desenvolver suas atividades laborais e só se concentrava em respirar vagorosamente para não entrar em pânico. O problema é que ele já estava sentindo os sintomas clássicos do pânico: Dormência e formigamento nas mãos, taquicardia, sudorese, tremores labiais, dificuldade para respirar, náusea, tontura e a nítida impressão de que a sua garganta estava se fechando.

Mas como tudo o que está ruim pode piorar, começou a ouvir ruídos vindos da sala ao lado. Era a Morte empurrando a maca usada para o transporte dos corpos dos carros funerários até as geladeiras.

Conforme Júlio pedia para que aquilo acabasse, mais a Morte o afrontava, e agora ela batia as portas das geladeiras, jogava os ossos de uma ossada que estava sendo investigada contra a parede e derrubava tudo o que estava sobre as mesas.

-- --- 36 meses depois --- --

Aquela foi a última noite de trabalho de Júlio no Necrotério Municipal. Quando amanheceu, ele foi encontrado desmaiado na cozinha, pelo Dr. Marcos, que havia chegado para trabalhar.

Foi levado para o hospital, estabilizado e diagnosticado com psicose, motivo pelo qual precisou ser internado numa Clínica Psiquiátrica.

Lá, o médico responsável por tratar de Júlio explicou para Dona Geni, que a psicose é um transtorno mental que faz com que o doente veja as coisas de maneira diversa do que são na realidade, o que o leva a ter dificuldade em entender o que é real e o que não é.

- Por isso, frequentemente Júlio está alucinando e alega ouvir, ver e sentir coisas que não são reais - disse o Médico.
- E ele vai poder sair daqui Dr? - Arguiu Geni.
- Lamentavelmente não, pois tudo isso que lhe contei causa sofrimento tamanho no seu filho, que o convívio social fica insustentável.
- Meu Deus!
- Mas a senhora pode visitá-lo sempre que quiser.
- Isso não é suficiente! Quero meu filho de volta!
- Lamento informar que Júlio nunca mais será o mesmo. Não há cura para a doença que o acomete, e no estágio em que ela se manifestou nele, pouco podemos fazer.

-- --- O fim --- --

Foi numa agradável tarde de verão em Vila Verde, quando Júlio estava sentado em seu banco predileto nos jardins do Manicômio, que a Morte lhe apareceu pela última vez.

- Olá! Como vai você?
- O que quer de mim? Que eu morra?
- Claro que não! Afinal, você já está morto. Só que seu espírito ainda habita esse corpo que um dia já pertenceu ao afável e sempre prestativo Júlio, único filho de Geni!
- E o que quer de mim?
- Apenas conversar, como disse em nosso primeiro encontro!

AVISO IMPORTANTE: Esse conto é inteiramente ficcional. Os sintomas e diagnósticos aqui contidos, muito embora sejam baseados em fatos reais, são imprecisos ou modificados para propiciar maior dramaticidade. Se precisar procure um médico, pois somente um profissional será capaz de ajudar.

Paraquedas

Júnior já era um homem formado, mas ainda em busca de sua independência financeira. Seu Pai tinha se dado bem na vida, sendo dono de uma fábrica de paraquedas.

Ele não queria seguir o ramo de seu Genitor, mas acreditava que uma boa conversa com o Velho lhe garantiria alguns bons conselhos.

- Então, Pai. Estou pensando em abrir um buffet para festas, o que acha?
- Não sei. É um ramo complicado, pois apesar de você ganhar muito dinheiro, precisará investir pesado para oferecer os pratos como eles devem ser.
- Realmente, muito investimento em maquinário e pessoal será necessário!
- Por que você não escolhe um ramo igual ao do Pai? É mais tranquilo e menos suscetível aos modismos, pois atendo um nicho específico e endinheirado de pessoas.
- Mas limitado...
- Com certeza. Muito mais gente se casa do que pula de paraquedas.
- Então...
- Mas você sempre vê os clientes falando mal do buffet, por melhor que seja.
- Essa é uma grande verdade.
- Já no meu ramo, você nunca ouvirá um cliente reclamando que o paraquedas não abriu!

Presidente Bolsonaro E O Zé Gotinha

No terceiro andar do Palácio do Planalto, em meados de março:

- Então seu Zé Gotinha, eu mandei chamar o Sr. ae, porque estamos com um probleminha ae, coisa pouca, no tocante a esse vírus chinês comunista!
- É uma honra servir ao meu País mais uma vez, Senhor Presidente.
- Sabia que você não ia dar pra trás nessa hora, Seu Zé Gotinha! Esse vírus ae, a imprensa tá me matando por causa disso. A chinesada come morcego lá na terra deles e eu que me f*** aqui, pô!
- Qual é o plano, Senhor?
- Plano? Que plano?
- Como vamos resolver a questão?
- Ah, sim. Não tem plano não, porque isso ae é coisa de vagabundo que não quer fazer o que é preciso e fica enrolando. Quero só que você pegue esse tal de Coronavírus ae, pelo colarinho, e cubra ele no tapa, tá ok? Não alivia não. É pra arrebentar o vagabundo!
- Certo...
- Porque vagabundo tem que se f****, tá ok? Não pode aliviar pra esse comunista ae, senão ele vai acabar com a economia, igual o PT fez!
- Cumprirei com louvor a missão que me foi designada, Senhor!
- Tá certo. Tenho certeza que sim, mas não fala com a imprensa, tá ok? Porque no tocante a me criticar, principalmente a Foice de São Paulo e a Globobo, esses caras não aliviam.
- Sim, Senhor.
- Gostei de você, Seu Zé Gotinha! Vou até falar aqui, com o pessoal da propaganda, e também com o Paulo Guedes, que vamos mudar o slogan do Governo Federal para "Zé Gotinha Acima de Tudo, Coronavírus Abaixo de Zero".

Noite De Trabalho Extra

Adamastor e Arnulfo são colegas de Polícia Científica. Apesar de ambos terem nomes antigos, Adamastor é realmente das antigas e já está com 68 anos, sendo que 40 deles na Polícia.

Arnulfo é um rapaz que teve o azar de ter o seu nome utilizado para homenagear o Avô. Ele tem 25 anos e está na Polícia desde os 22.

Apesar da grande diferença de idade, logo que cruzou com Adamastor, foi amizade à primeira vista. Isso porque gostava do jeitão raiz de Adamastor, e até mesmo de sua rabugentice.

Fora isso, Arnulfo também apreciou a maneira honesta com que Adamastor trabalhava e agia, sempre procurando ajudar todos os que o cercavam (ainda que reclamasse muito por isso).

Certa feita, quando estavam em meio a muitas calabresas, bacons, batatinhas fritas e maionese, pois os peritos das antigas não sabem o que vem a ser uma refeição saudável, receberam um chamado pelo rádio:

- Alguém se matou na linha de trem, 1 Km adiante da Estação, sentido sul. Preciso que vocês passem por lá o mais rápido possível, para que os Policiais possam liberar a área logo.

--- -- ---
30 minutos depois
--- -- ---

- Eu não te falei Arnulfo, que isso ia acabar com a nossa noite? - Bradou Adamastor.
- Não há de ser nada. Em dois palitos terminamos com isso e vamos jantar - Disse Arnulfo.
- Jantar? Se nós conseguirmos tomar café lá no Português vai ser um milagre!

E a voz da experiência não falhou. O cenário era de horror: O Suicida havia pulado em frente ao trem, quando este estava em velocidade máxima. Como era de noite, o Maquinista não teve nem a chance de tentar frear.

- Olha só isso aqui, resmungou Adamastor. Vamos ter que esperar amanhecer para conseguir entender a cena toda.
- Vamos, concordou Arnulfo.
- Sabe o que me dá mais raiva? Por que pular na frente do trem? Olha a bagunça que esse cara fez! Espatifou tudo... Esses caras nunca ouviram falar em corda? Em pular da ponte? Em dar um tiro na cabeça? Agora nós vamos ter que tirar um monte de fotos aqui, e várias outras do trem, que nessa altura do campeonato já está lá em Vila Verde! Teremos que viajar para lá, só porque o Beleza quis acabar com a própria vida, num ato egoístico. Fora que tudo isso traumatiza o Maquinista.
- Acho que você está tendo uma visão unilateral das coisas, Adamastor. Quem se mata não pensa em nada. O cara abriu mão do bem mais precioso que uma pessoa tem, que é a própria vida. Você acha mesmo que ele pensou que nos faria tirar milhares de fotos com fome? Ou que traumatizaria o Maquinista? Esse cara deve ter família, e não pensou neles. Quem dirá pensar na gente..
- Sabe Arnulfo, tem um cara, ele se chamava John Milton, ele era um poeta inglês. Ele certa vez disse: "A mente não deve ser modificada pelo tempo e pelo lugar. A mente é um lugar em si mesma e pode fazer do inferno um paraíso ou do paraíso um inferno". Ou seja, se o cara estava passando problemas aqui, ele vai morrer e continuar passando problemas. Porque a vida não acaba aqui, e as coisas só são problemas se forem encaradas como tal.
- Você tem razão quanto ao café da manhã lá no Português. Vou buscar um lanche pra gente nalgum desses trailers que ficam abertos a noite toda, disse Arnulfo.
- Você conhece a regra: Se não tiver hambúrguer, ovo, bacon, calabresa, presunto, mortadela, muçarela e muita maionese de alho, não vale a pena engordar.
- Claro. E uma Coca?
- Sempre.
- Hoje eu pago.
- Ok. Te devo essa.

--- -- ---
 20 minutos depois
 --- -- ---

Enquanto comiam o X-Infarto do trailer do Sujinho, o melhor lanche da cidade, a despeito do nome peculiar e impróprio, Adamastor começou a puxar assunto:

- Minha Avó, que Deus a tenha, dizia que nas noites de frio, iguais a essa, quando as estrelas são muito visíveis e o vento é forte a ponto de podermos ouvir seu uivo, é possível ouvir as vozes, gritos e lamentos dos espíritos que sofrem torturas no Inferno..
- Cara, se você pretendia me assustar, conseguiu. Puta que pariu - reclamou Arnulfo.
- Relaxa, essa não é a primeira vez que eu vejo um Policial Científico que lida com cadáveres a vida toda, ter medinho de espíritos, hahahahahahaha.
- Adamastor, não é correto o que estamos fazendo. Nós estamos comendo e rindo sobre o cadáver de uma pessoa que foi importante para alguém!
- Não tenho culpa de ele ter pulado na frente de um trem antes que eu pudesse jantar, redarguiu Adamastor.
- Mas não é correto, insistiu Arnulfo.
- O que não é correto é esse patife estragar a nossa noite! Se fosse com uma arma ou corda, eram só duas ou três fotos e tchau! Agora estamos aqui passando frio, sono e fome por causa dele! E pra piorar esqueci meu isqueiro no Escritório!
- Cara, você não pode estar com fome depois de comer um lanche desse tamanho!
- Você decide agora o tamanho da minha fome? - Resmungou Adamastor.
- A noite vai ser longa!
- Vai. Por causa desse fracote aí!
- Não fala assim, criticou Arnulfo.
- Falo como quiser! Sou mais velho de Polícia! Eu já tirava foto de gente morta muito antes de você nascer! Então eu falo como quiser!
- Ok.
- Ok mesmo! E quer saber de uma coisa? Fique aí você com o Cadáver, porque eu vou tirar um cochilo na viatura.
- Obrigado por ser tão parceiro, ironizou Arnulfo.
- Qual é! Estou te dando a oportunidade de ouvir os lamentos dos espíritos que sofrem torturas no Inferno - disse - rindo - Adamastor.
- Vá te catar.
- Me chame às 6 e aí tiramos as fotos e tudo o mais.
- Ok.
- Com sorte poderemos almoçar na casa da minha Mãe. Ela sempre faz macarronada aos domingos.
- Agora sim eu vi vantagem, comemorou Arnulfo.

Falando Com Deus

Aristeu era um cara comum, que em nada diferia das outras pessoas de bem de Vila Verde. Com o suor do seu trabalho como veterinário de animais de grande porte, conseguiu comprar uma chácara bem isolada da cidade, e lá passa dias tranquilos e sem ser incomodado por ninguém.

Costuma dizer para os amigos - e são muitos - que não teve a sorte de constituir família, então quando seus pais morreram, acabou ficando sozinho no mundo.

Sua irmã liga as vezes, mas é uma mulher ocupada com os próprios afazeres. Ela tem marido, três filhos, cinco netos e ainda ajuda a Igreja a distribuir sopa aos pobres. Ou seja, resta pouco tempo para o seu único irmão.

Aristeu tinha apenas um vício: beber espumantes. Assim que acordava, bebia uma taça para tirar o gosto ruim da boca. Quando comia, bebia para ajudar o alimento a descer melhor, e antes de dormir bebia para manter-se "hidratado durante a noite".

Apesar disso, nunca estava minimamente alterado sequer. Jamais causou qualquer tipo de problema para as pessoas e tampouco causou acidentes automotivos.

Sua marca favorita era a Cava Sangre de Toro do tipo Brut. De acordo com aqueles sites especializados, essa bebida espanhola tem "frescor, mas também uma cremosidade maior e notas aromáticas mais complexas", seja lá o que isso signifique. O importante é que eles eram bons.

O que Aristeu não sabia, era que o dia mais importante da sua vida ainda não havia chegado. E ele já estava com 89 anos.

Antes de deitar-se para mais uma noite de sono tranquilo graças aos seus espumantes, separou os remédios para diabetes, colesterol, pressão alta, escoliose e coração. Como sempre fizeram antes, os beberia com uma taça de espumante.

Mas quando se virou para pegar a garrafa no frigobar que mantinha no quarto para ter suas garrafas sempre na temperatura ideal, percebeu que não estava sozinho.

Havia um homem sentado na poltrona que um dia pertencera a sua mãe. Não sentiu medo e nem nada do tipo. Pelo contrário, sentiu-se tão bem quanto jamais sentira-se antes.

- Quem é você?
- E isso importa?
- Claro! Você está na minha casa!
- É justo. Sou Deus.
- Sério?
- Duvida?
- Não... não necessariamente.
- Isso já é alguma coisa.
- Mas eu acreditaria mais se você fizesse um daqueles truques da Bíblia.
- Não são truques. São milagres.
- Sim, milagres.

Foi então que Deus, diante dos olhos de Aristeu, transformou-se em mulher, criança, coelho, colibri, leão e voltou à sua forma inicial, mas multiplicado por três.

Quando as três formas se uniram numa só novamente, ele falou:

- Está satisfeito?
- Super.
- Não parece.
- Mas estou!
- Então por que essa cara?
- Qual a sua forma original?
- Para você, é essa. Mas posso ser o que quiser, pois estou presente em cada átomo que forma o Universo.
- E o que fiz para merecer a honra de sua visita?
- Visita?
- Sim... é a primeira vez que nos vemos!
- Eu te vejo todos os dias.
- Sim, de fato eu o sinto as vezes.
- Sei que sim.
- Isso é bom.
- Então, mas eu te procurei porque estou pensando em dar uma modificada nas coisas, sabe como é. Fazer uma Terra 2.0, como vocês adoram dizer em memes na internet.
- Sei.
- Porque tem muita coisa que precisa ser corrigida.
- Certamente. Mas não consigo entender o porquê de o Senhor ter me procurado.
- Por que você não pode ser procurado por Deus?
- Sei lá. É que tem gente que merece mais. Os religiosos. O Papa, sei lá. Até a minha Irmã merece mais. Ela distribui sopa aos pobres!
- Sei bem dos atos de sua Irmã. Mas eu te procurei porque quero uma opinião mais neutra.
- Certo...

- E o que você mudaria na Terra 2.0?
- Bom, suponho que o Senhor já pensou em todas as coisas mais importantes como amor, saúde, esperança, fim das guerras e dos sentimentos mesquinhos.
- Sim.
- Então podemos partir para as coisas menos vitais?
- Essa é a sua oportunidade.
- Bom, nesse caso eu acho que deveria chover só de madrugada.
- Certo.
- E acho que não deveria existir tempo ruim em finais de semana e feriados.
- Tempo ruim só em dias úteis e de madrugada, é isso?
- É só uma sugestão. Quem manda é o Senhor...
- Continue.
- Eu também acho que tudo o que faz mal e engorda deveria passar a ser saudável. Imagina só: Coma três cachorros-quentes pela manhã para ter uma vida saudável.
- Sei...
- Duas fatias de pizza de calabresa no almoço são essenciais para o bom funcionamento do intestino.
- Não posso negar que essa sua ideia seria uma mudança de paradigma na medicina...
- E nas redações de revistas de saúde também!
- Também.
- Posso dar mais uma sugestão? A última.
- Claro.
- Eu acho que toda dor, física ou moral, que alguém causasse ao próximo, deveria ser sentida imediatamente pelo próprio causador.
- Essa sim, foi uma proposta de mudança a se considerar!
- Obrigado Senhor. Fico feliz em poder ajudar.
- O prazer foi todo meu, Aristeu.

E, de modo tão silencioso quanto quando apareceu na poltrona de Aristeu, Deus desapareceu.

Aristeu jamais viu o mundo 2.0 em funcionamento, mas percebeu que as suas garrafas de espumante tinham sempre um sabor especial e jamais esquentavam - nem mesmo quando estavam fora da geladeira por horas e horas.

Ondas Eletromagnéticas

Felisberto trabalha com o conserto de aparelhos de rádio, sua grande paixão. Como esse é um ramo praticamente extinto, também instala sons barulhentos e copiosamente modernos nos carros das pessoas.

Mas ele, particularmente, sempre teve dificuldades para entender a necessidade que as pessoas têm por entradas USB, ondas bluetooth ou programas de música tipo Spotify, Deezer ou Apple Music.

Para ele, os podcasts tem um único objetivo: Enterrar de vez a Era de Ouro do Rádio. Ele jamais trocaria a sua coleção de LP's por qualquer dessas porcaria modernas tocadoras de MP3.

Mas nos últimos tempos, é justo dizer, Felisberto não tem ouvido muita música ou seus programas de rádio favoritos.

Ele tem tentado falar com os mortos por meio da estática produzida pelo seu equipamento.

Não ser casado e não ter filhos ajuda bastante nessa pesquisa, pois ao chegar em casa, não precisa dar atenção para ninguém e muito menos fazer janta.

Seu ritual é muito simples: Chega em casa, bota ração pro Esso, o seu gato que fora batizado em homenagem ao Programa Repórter Esso, toma banho, descongela alguma coisa pra comer e vai direto para a sua aparelhagem de som.

Enquanto devora o jantar, espera as válvulas do rádio esquentarem e sabe que elas já estão prontas quando o ruído da estática fica audível. Antes, ele lhe incomodava muito, mas não agora.

Ele, há anos, tenta contato com os mortos por meio desse método, que é chamado de Fenômeno da Voz Eletrônica. Na verdade, tudo começou por mero acaso, quando disse em voz alta:

- Essa canção é para você, mamãe! Elvis não morreu.

Felisberto não esperava resposta, pois sua mãe havia morrido cerca de quinze anos antes, mesmo assim ela veio através das caixas de som:

- Nenhum de nós morreu, filho. Quando deixamos o nosso corpo, é que voltamos para a vida eterna!

Como não esperava nada parecido com aquilo, o solitário Felisberto ficou sem ação e nada tentou para continuar com a conversa.

Mas conforme os meses foram passando lentamente, ele sentiu que precisava voltar a falar com sua Mãe, afinal, ela era a pessoa que ele mais amava no Mundo!

Mas todos aqueles anos de trabalho árduo e meticuloso foram em vão. Quando já estava prestes a desistir, foi a um Centro Espírita e contou sua experiência sobrenatural.

Ao perguntar quando a experiência se repetiria, lhe foi respondido que "o telefone não toca de cá para lá, mas sim de lá para cá". Isso o reanimou, apesar de ser uma resposta bem vaga.

Certa noite, após repetir mecanicamente o seu ritual, pensou ter ouvido alguma coisa, mas de repente tudo parou. Já em vias de desespero, disse em voz alta:

- Mãe, é você?

E a resposta não tardou.

- Claro que sim.
- Meu Deus, finalmente!
- Estou sempre com você, mas nem sempre me é permitido falar.

O Lado Bom Das Coisas

Luciano morreu jovem. Foi uma daquelas mortes bestas, sabe? Ele tinha 18 anos quando se afogou com um pedaço de carne que tinha sobrado do churrasco do almoço de domingo.

Bem que ele sentia que não era uma boa ideia assaltar a geladeira de madrugada! Mas veja: Se isso fosse errado, a geladeira não viria de fábrica com uma lâmpada dentro, não é mesmo?

No começo foi difícil. Sempre é. Luciano via todas aquelas pessoas, sobretudo seus pais e namorada, chorando por sua perda.

No velório, o que mais diziam era "porque tão jovem?" Ninguém poderia responder aquela questão. Nem mesmo ele! Prometeu questionar tal fato a Deus, se tivesse a oportunidade de estar diante Dele.

Mas o tempo foi passando, a poeira baixou e as pessoas acabaram - de uma maneira ou de outra - seguindo seus caminhos. E com Luciano não foi diferente.

Passados cerca de 15 anos desde o seu trágico fim enquanto ser humano, ele ainda não havia ido para o Céu, o que era estranho. E nem para o Inferno, o que era bom. Tampouco tinha conhecido Deus. Mas todo esse tempo não foi em vão.

Luciano aproveitou sua invisibilidade para entrar nos lugares sem ser notado. Visitar os familiares e amigos foi algo que ele deixou de fazer porque acabava sempre se entristecendo. Às vezes porque percebia que as pessoas ainda sofriam por sua morte, ou porque as pessoas que ele julgava importantes nem sequer se lembravam mais dele.

Cogitou frequentar motéis, cabarés e outros locais similares, mas logo percebeu que fazer isso seria o mesmo que estar em sétimo lugar na linha sucessória da Realza Britânica: Não adiantava nada.

Foi então que teve a ideia de entrar em eventos esportivos e em shows musicais. Acompanhou todas as etapas da Fórmula 1 de 2005 in loco, sem pagar nada e de quebra ainda assistiu um show do Elton John!

"Nada mal para um moleque de apenas 18 anos e sem um tostão no bolso", pensou.

Não, Luciano não achou legal morrer. Mas sempre procurou ver o lado bom das coisas. Ele só estava fazendo uma limonada com os limões que a morte lhe deu...

Colecionador De Playboys

Anderson era o dono do Sebo Avenida, que ficava no Centro da cidade de Vila Verde. Como sendo o único a atuar no ramo em toda a região, acabava se beneficiando um pouco. Tanto ao salgar os preços quanto ao conseguir comprar raridades.

Foi a internet que prejudicou muito os sebos e bancas de jornal. Por que comprar um livro ou jornal se as pessoas podem ter tudo isso em seus tablets? E o pior: Na hora! Isso só era ruim para os donos de banca e sebos, é claro.

Bom, a verdade é que muita gente ainda prefere ter os livros e jornais nas mãos, para poder sentir o cheiro e textura do papel. Mas essas pessoas são cada vez mais raras.

É por isso que Anderson fechou o Sebo após vários anos de bons serviços prestados à cultura de Vila Verde. Ao menos três gerações se beneficiaram com o conhecimento que o seu trabalho lhes proporcionou.

Uma vez disseram que ele merecia uma Moção de Aplausos da Câmara Municipal, pois havia feito muito mais pela Cultura da cidade, do que qualquer Secretário de Cultura que já tenha passado por lá.

Mas havia uma única coisa que impedia Anderson de fechar o Sebo. E não se tratava de amor ao negócio ou medo de não conseguir se sustentar após baixar definitivamente as portas, já que era aposentado e, para ser sincero, não esperava gastar todas as suas economias antes de morrer, já que tinha 83 anos e, nas suas próprias palavras, "estava fazendo hora extra no trabalho que era viver".

O que o paralisava era o medo de, ao fechar as portas, ficar sem acesso aos Acumuladores e Colecionadores que vez por outra se viam obrigados a desfazerem-se de suas coleções (ou lixos, depende do ponto de vista) em sua loja, e ele jamais conseguir completar a coleção de Playboys que mantinha havia anos... Só lhe faltava a de número 89, que foi lançada em dezembro de 1982 e trazia a apresentadora Xuxa Meneghel na capa.

Certa vez ele vendeu seu carro e foi até o Rio de Janeiro, em uma galeria do bairro Botafogo, zona sul da cidade, para participar de um leilão onde a referida peça foi arrematada por inacreditáveis R\$ 60 mil. E ele não teve nem chance de dar o primeiro lance, com apenas 12 mil que havia conseguido vendendo seu automóvel.

Tal preço elevado, gostava de explicar para qualquer um que mostrasse o mínimo interesse no assunto, se devia ao fato de boa parte da referida edição ter sido misteriosamente recolhida dos sebos e lojas especializadas. Anderson ainda dizia acreditar que isso foi feito a pedido da própria Xuxa, quando ela passou a ser a "Rainha dos Baixinhos" na TV Globo.

E, sim, Anderson sabia que essa mesma revista, em bom estado, podia ser encontrada na internet por cerca de R\$ 230,00 nos últimos tempos. Mas jamais a compraria assim, pois estaria se rendendo ao inimigo contra o qual lutou durante tantos anos.

E, ademais, fazer isso tiraria toda a graça da coisa, que estava justamente na busca. Ele, por exemplo, jamais teria ido ao Rio se não fosse pela revista.

--- -- --- --- --
TRÊS MESES DEPOIS
--- -- --- --- --

Percebendo que o Avô não desistiria de buscar a revista que completaria sua coleção antes de se aposentar, Robson, o neto mais velho de Anderson, a comprou pela internet e lhe presenteou no Natal de 2017, ano em que a versão brasileira da marca deixou de existir oficialmente.

--- -- --- --- --
SETE MESES DEPOIS
--- -- --- --- --

Anderson faleceu em sua casa, rodeado por suas Playboys, como sempre desejou. Costumava dizer, desde que conseguiu a última edição faltante que, ao longo de sua vida, tinha gastado o preço de "uma boa casa" com sua coleção. Também dizia que não se arrependia de nada e que faria tudo outra vez.

--- -- --- --- --
DOIS ANOS DEPOIS
--- -- --- --- --

Com o fim do Inventário dos bens deixados por Anderson, seus herdeiros decidiram vender a Coleção. Ela contava com 460 edições numeradas a partir do número 36, que datava de julho de 1978, quando a revista "Homem" passou a se chamar "Playboy", até a de número 497, de dezembro de 2017. Isso sem contar com mais 13 edições especiais e 4 CD-ROMs, sendo um deles, da Tiazinha.

Um sujeito do Amapá adquiriu o lote todo por meio do Mercado Livre, pagando R\$ 11.000,00 mais R\$ 44,90 de frete.

Superstição

Verônica estava cheia das superstições do Carlos, com quem havia decidido morar junto três anos atrás.

Carlos era um bom sujeito. A tratava bem, era trabalhador do ramo de Segurança Patrimonial, religioso e de família.

Verônica, que também era "um bom partido", como dizia seu pai, estava planejando ter filhos com Carlos. Não sei para vocês, mas acredito que essa é a maior prova de amor e de aposta no futuro que uma pessoa pode fazer em relação à outra: Planejar filhos.

Mas havia uma única coisa - além das picuinhas, é claro - que incomodava Verônica. Carlos era extremamente supersticioso. E isso se dava não por mera implicância. É que a coisa estava num nível tal que realmente atrapalhava a vida dos dois.

Carlos era capaz de passar horas desvirando os sapatos da Verônica, só para que a mãe dela não morresse. E a dele também, afinal, aqueles sapatos não estavam na casa dele também?

A mais nova superstição de Carlos era achar que as pás do ventilador de teto que ficava no quarto deles não podia formar uma cruz em relação a cama... porque se isso acontecesse, eles morreriam.

Verônica decidiu que não iria ceder dessa vez e obrigou Carlos a deixar as pás do ventilador formarem a tal da cruz. Assim, ao amanhecer, pensou ela, comprovaria seu ponto de vista e tudo seria resolvido.

Como era verão e fazia muito calor em Vila Verde, eles deixaram a janela aberta. Afinal, ela tinha grades e isso deveria bastar.

Mas não foi o que aconteceu. Alecão Banguela, um viciado em heroína tinha outros planos. Ele precisava de dinheiro para manter o vício e faria qualquer coisa para consegui-lo.

Passando pela Alameda dos Aiacás, percebeu uma casa com muro baixo e decidiu invadir. Tentou abrir a porta da frente e não obteve sucesso. Deu a volta para acessar a porta da cozinha e essa também estava fechada.

E foi nesse momento que topou com Dexter, o pinscher que Verônica havia ganhado quando fez 15 anos. Como já estava

com idade avançada, o pobre cãozinho não pode oferecer qualquer resistência e foi enforcado com a corda do varal.

Quando estava terminando de dar a volta na casa, Alecão Banguela percebeu que uma das janelas estava aberta. Como não conseguiu entrar por ali, já que havia uma grade para impedi-lo, decidiu matar o casal que dormia profundamente.

Foram dois tiros rápidos e certos. Nenhuma das vítimas teve tempo de sequer compreender o que estava acontecendo.

No final de tudo, os tiros alertaram a vizinhança, que chamou a Polícia. Alecão Banguela teve que fugir e só conseguiu levar uma sanduicheira usada, que achou jogada no quintal.

Anjo Da Morte

Wilson Moraes era um Enfermeiro bem querido por todos os pacientes que sobreviveram aos seus cuidados.

E era bem querido por seus colegas e superiores do hospital Santa Ignez, o único de Vila Verde.

O médico-chefe do hospital, Dr. Airton Lima, inclusive, declarou que Wilson era uma "pessoa afável, de fácil trato, que cumpria bem o seu papel e que se dedicava inteiramente aos pacientes".

O problema é que tais declarações estavam sendo prestadas para o Delegado Malaquias Aquino, que havia sido destacado pelo próprio Governador, para conduzir a Operação Anjo da Morte, que tinha por objetivo descobrir por que tantas pessoas morriam - sem motivo aparente - no hospital Santa Ignez, desde que sua nova UTI fora inaugurada.

A investigação começou quando Cláudia Felisberto, uma auxiliar de enfermagem que trabalhava na equipe de Wilson começou a perceber que pessoas sem risco iminente de vida, apesar de estarem internadas na UTI, acabavam mortas sem motivo aparente.

E pior: Sempre cerca de meia hora após o Enfermeiro Wilson deixar seus quartos.

Cláudia não queria ser injusta e destruir a vida de um colega com meras ilações, mas o passar dos meses somente serviu para demonstrar que algo precisava ser feito.

Sua suspeita chegou ao Provedor do hospital, Marcos Camargo Bueno, que decidiu averiguar as imagens do circuito interno de câmeras. Após passar a noite juntando provas, foi até a Polícia e fez a denúncia.

Ocorre que a informação vazou para a imprensa, que fez o habitual alarde e Wilson acabou fugindo antes mesmo de ser indiciado.

Ele acabou sendo preso na Bolívia seis anos depois, após ter se envolvido numa briga de casal com Danitza Gutierrez, com quem vivia desde que entrou ilegalmente no país vizinho.

Agora que Wilson Moraes estava preso no Brasil, finalmente seria possível saber de toda a verdade.

Dr. Malaquias não via a hora de estar cara a cara com o criminoso. Tanto que se empenhou pessoalmente e além de suas funções, no processo de extradição de Wilson, que foi longo e complicado, pois a Bolívia não parecia querer cooperar.

- Porque você matou aquelas 19 pessoas? - Indagou o Delegado.
- Você nunca entenderia - Disse Wilson.
- Muito menos se você não disser...
- Eu só queria ver o brilho nos olhos daquelas pessoas sumir.
- Mas você nunca estava lá para ver quando elas morriam, certo?
- Certo.
- Então como fazia?
- Eu passava em ronda, injetava cianureto em seus soros e saía, sob pretexto de visitar mais pacientes. Dali alguns minutos, alguém me chamava dizendo que o paciente tal havia morrido, e eu tinha que examiná-lo. Uma das etapas do procedimento era analisar os olhos.
- E como você escolhia as suas vítimas?
- Aleatoriamente.
- Por que justamente essas pessoas?
- Já disse! Eram escolhas aleatórias! Alguém precisava morrer, e eu simplesmente escolhia.

Eles São Iguais!

Osório é um daqueles caras que têm uma velha opinião formada sobretudo.

Motorista de circular na Viação Vila Verde, ou 3V, como popularmente a Empresa é conhecida, detesta fazer a linha Centro/Penitenciária.

Sempre que pode, usa os seus 40 anos de Empresa para evitar o trajeto colocando um novato em seu lugar.

Mas naquele sábado o plano não funcionou e a tarefa teve mesmo que ser exercida por ele.

Por ele e por Salvador, o Cobrador que faz dupla com ele há 18 anos.

E, apesar de já ter deixado absolutamente claro o seu contragosto em fazer a Linha em tantas outras oportunidades, Osório puxou conversa com Salvador, ainda na garagem da firma:

- Por mim essa linha acabava.
- É mesmo? - Gozou Salvador.
- Porque para mim, parente de bandido é bandido também.
- Você sabe que não é verdade, então por que fica afirmando isso?

--- -- ---
Primeira parada
--- -- ---

A circular já estava na rua fazia 20 minutos, e Osório estava notoriamente magoado com Salvador, que havia "cortado" seu discurso.

Assim que diversas pessoas adentraram no veículo e tomaram seus lugares, o que ocupou 85% de sua capacidade, Osório tornou a puxar assunto com Salvador, que estava fazendo cruzadinha, justamente tentando evitar papo.

- Você acha que aquele marmanjo lá do fundo não é bandido?

- Não posso dizer que sim, pois não tenho a ficha criminal dele..
- Qual é, cara! Olha bem para a fuça do sujeito! Olha a maneira como ele se veste!
- Você está julgando o rapaz pela aparência, e isso não é certo.

--- -- ---
Segunda parada
--- -- ---

Só havia Dona Joana - uma senhora de aspecto frágil e meigo - no Ponto. Apesar disso, o embarque foi demorado, pois a velhinha tinha dificuldades para se locomover.

Assim que a circular tomou o rumo da Penitenciária de Vila Verde, foi a vez de Salvador se vingar de Osório.

- Você acha que aquela Senhora é criminosa? Se ela cometeu algum tipo de crime, é dar razão demais para o gato!
- Depois de velho, qualquer um fica com cara de coitado. Nunca viu aqueles nazistas que são julgados de tempos em tempos? Eles fizeram da vida dos outros um inferno durante a Guerra, mas agora, tantos anos depois, ficam com cara de coitados!
- Você não tem jeito mesmo!

--- -- ---
Terceira parada
--- -- ---

Assim que a circular ficou vazia, Osório retomou o assunto. Salvador já havia se conscientizado de que não conseguiria escapar do bate-papo repetido e desagradável e nem tentou disfarçar com a cruzadinha.

- Você tem razão. Essas pessoas não são iguais aos presos que elas visitam. Elas são piores!
- Por quê?

- Porque estão soltas! São perigosas e estão soltas! Os que estão presos não representam mais perigo para a sociedade, mas os seus parentes, sim!
- Cara! Como você consegue dormir depois de fazer uma generalização ofensiva como essa?
- Eu não sou tonto como você! Faço interpretações do que está ao meu redor!
- Interpretações muito errôneas - Retrucou Salvador.

--- -- ---
Três horas depois
--- -- ---

Quando o horário de visitas acabou e as pessoas voltaram para a circular, os dois últimos a entrar foram a Velhinha e o sujeito com cara de Mano. Ele, aliás, a estava ajudando a entrar no veículo.

Quando a Idosa se acomodou em seu lugar, o tal do Mano se aproximou dos dois amigos que conversavam animadamente numa espécie de discussão respeitosa, e disse:

- Dá para ver que vocês não gostam de transportar a gente. E eu não vou tentar mudar isso, mas gostaria de dizer que ninguém é completamente bom, e nem completamente mau. Eu, por exemplo, que sou cheio de tatuagens e piercings, além de ter um irmão preso, ajudei a Senhora a subir as escadas da circular, enquanto vocês, verdadeiros cidadãos-modelo no aspecto físico, sequer deixaram de conversar para realizar o trabalho para o qual são pagos, de maneira adequada. Quem de nós três é a pior pessoa?

Sorte De Vagabundo

Me chamo Jeremias e sou matador de aluguel. Mas não uso armas de fogo. Resolvo as coisas com um facão. Aliás, aqui no meio da Amazônia, todos resolvem seus assuntos com um facão.

Uns fazem extração de palmitos e coisas assim, outros abrem novas trilhas e eu corto pescoços.

Mas chega de falar de mim. Vamos falar do Geraldo, o que eu tenho que transformar em dois.

De acordo com o meu Cliente, o qual não vou revelar o nome por razões óbvias, o futuro Morto inseminou suas vacas de raça com sêmen de touros sem procedência, só para causar prejuízo.

Não foram uma ou duas vacas. Foram 12! Isso significa que o meu Cliente perderá, enquanto as vacas estiverem prenhas de bezerros impuros, cerca de R\$ 50 mil.

E a vida de um vagabundo vale muito menos do que isso. Aliás, um dia eu piquei um cara todinho por um litro de óleo de cozinha. Vocês aí de São Paulo e Rio de Janeiro podem ficar horrorizados com isso, mas garanto que não cozinham sem óleo!

Enfim, o fato é que fui procurar o tal do Geraldo no barraco dele. Eram cerca de 21 horas e cheguei de mansinho, por entre as árvores, e fiquei espiando. Meu objetivo era pegar ele na traição.

Fui me aproximando da casa bem devagarinho, preparando o bote. Quando cheguei na janela, vi que o desgraçado não estava.

Me afastei desolado e deixei a adrenalina baixar. Meu sangue estava fervendo, afinal eu achava que estava prestes a entrar em uma luta corporal.

Esperei os pensamentos voltarem ao lugar e comecei a matutar. Como nossa Vila era pequena, ele não tinha muitas opções de onde ir.

Então fui ao bar da Sauverina para ver se me encontrava com o Vagabundo por lá. Meu plano era simples: Entrar agindo naturalmente, pedir uma pinga e, quando o momento surgisse, fazer o couro comer.

Mas Geraldo também não estava lá. E eu não sabia onde mais ele poderia estar.

Fui para minha casa frustrado e matutando se vagabundo também
tinha Anjo da Guarda.

Sorte de vagabundo (Parte 2)

Meu plano não era continuar contando essa história, disse Jeremias - que claramente estava satisfeito com a insistência do pessoal do bar, para que ele continuasse.

Mas como nenhuma história tem sentido sem plateia, eu vou continuar.

Desde que eu havia saído do bar da Sauverina e ido pra casa, encontrar Geraldo me era uma questão de honra.

E mais do que isso: De vida ou morte, afinal, o fator surpresa já havia acabado e, a essa altura dos acontecimentos, provavelmente ele já sabia das minhas intenções e poderia dar o bote!

Por isso, assim que amanheceu, lavei o rosto na mesma bacia que um dia fora da minha mãe, tomei um copo de café preto, afiei meu facão e fui procurar Geraldo.

Como era segunda feira, ele devia estar trabalhando na plantação de palmitos do Moisés, então procurá-lo naquelas bandas era o mais sensato a se fazer.

Finalmente o encontrei. Geraldo estava agachado cuidando de alguma coisa que o entretinha, pois sequer me percebeu chegando. Se bem que também não dei bandeira, sabe como é, me aproximei sorrateiramente.

Mais rápido do que eu mesmo podia imaginar, puxei o facão e desferi o golpe fatal.

Estava tudo resolvido.

Esse pode não ser o melhor jeito de resolver os assuntos, mas é a forma como conhecemos. E é a mais rápida também.

Sei que se pisar na bola com alguém, serei eu o partido em dois. E é exatamente por isso que eu não me intrometo nos assuntos alheios, não saio com mulher casada e não pego o que não me pertence.

Já tenho 59 anos e consegui permanecer vivo com essa filosofia de vida, como vocês gostam de dizer aí no sul do Brasil, até hoje.

O Dia Do Juízo Final

Joelmir estava numa antessala simples, mas muito grande. Ela era toda pintada em tons pastéis e tinha um pé direito de aproximadamente seis metros de altura.

Devia medir uns 100 x 64 metros, o que levou Joelmir a associar o lugar com um campo de futebol oficial.

Mas, o que mais impressionava, era que toda essa estrutura tinha apenas duas portas simples daquelas de 80 centímetros, uma em cada extremo.

O ambiente, apesar disso, não era escuro e abafado, pelo contrário, era claro como a luz do dia e fresco como as manhãs nos campos de trigo do Rio Grande do Sul.

Dentro dessa "sala", que mais parecia um hangar para aviões de grande porte, só existia uma cadeira de madeira daquelas comuns em barzinhos.

Havia um negro sentado nela, percebeu Joelmir, ainda na outra ponta do ambiente.

Decidiu caminhar até lá para puxar papo e tentar descobrir alguma coisa.

Apesar de ter muitas perguntas em mente e desejar respostas satisfatórias para cada uma delas, caminhou vagarosamente até o homem desconhecido.

Antes mesmo de se aproximar o suficiente para começar uma conversa, ouviu:

- Sou Batista. Você não me conhece, mas eu sei exatamente quem você é, Joelmir.
- Como assim?
- Sabendo, ué.
- Como alguém que eu nunca vi na vida pode me conhecer tão bem?
- Você sabe o que te aconteceu?
- Não exatamente, mas tenho uma forte suspeita..
- Dizer isso é muito você, Joelmir! Desembucha, homem! Diz logo que você morreu!
- É, acho que morri.
- Pois eu tenho certeza!
- Quem é você, para saber de tudo e bradar isso aos quatro cantos?
- Seu Anjo da Guarda.

- E o que você fez para conseguir ser meu Anjo da Guarda?
- Fui escolhido pela sua mãe, a Dona Inês, antes mesmo de ela nascer.
- Certo. Me parece razoável diante desse novo acerto das coisas.
- Pare de pensar como um advogado, Joelmir! Você morreu, cara! Aqui as regras são outras! Fique de coração aberto para o novo!
- Certo...
- Sei que você tem algumas perguntas. Pode fazê-las agora.
- Por que estou vestindo essas roupas de hospital?
- Porque foi com elas que você morreu.
- E isso quer dizer que terei que usá-las para sempre?
- Claro que não! Basta querer trocá-la!
- Eu quero! Como faço?
- Imagine uma roupa nova e pronto!
- Vamos ver se consigo...
- Viu só? Fácil!
- Onde estou exatamente? Pergunto por que não imaginava que o Céu fosse exatamente assim...
- Vamos com calma. Primeiro que o Céu não é "exatamente assim". Segundo que o Céu ou o Inferno serão como você quiser que eles sejam. Terceiro que aqui é a Sala de Espera do Tribunal Celestial.
- Mas você disse que era para eu esquecer que fui advogado, e agora diz que estou num Tribunal!
- Sim. É que advogados não são necessários aqui...
- Como não?
- O Juiz não é injusto, conhece todas as provas do julgamento profundamente e, sobretudo, dá a palavra final para todas as coisas. Sua vontade é sempre respeitada.
- Serei julgado por Deus?
- Se esse é o nome que você dá para Ele, sim.
- E quanto tempo eu terei que esperar pelo julgamento?
- O tempo necessário.
- E como serão as coisas lá dentro?
- Justas.
- Acha que eu vou para o Céu?
- Você acha que merece estar lá?
- Eu quero ir...
- Não perguntei se você quer ir. Querer, todos querem! Perguntei se você acha que merece estar lá!
- Acredito que sim! Fui um bom filho, sempre tratei bem e nunca traí minha esposa, criei meus filhos da melhor maneira que pude e jamais prejudiquei meus clientes, amigos, colegas ou desconhecidos! E fiz com que todos os animais sob minha responsabilidade tivessem uma vida plena...

- Falar "jamais prejudiquei meus clientes, amigos, colegas ou desconhecidos" é tão você! Não era mais fácil dizer "jamais prejudiquei ninguém"?
- É a força do hábito. São muitos anos trabalhando como advogado, e...
- Eu sei, Joelmir. Eu sei...
- Sabe Batista, estamos aqui tem uns 15 minutos, mas já estou começando a me habituar...
- Não estamos aqui só por 15 minutos! Não no tempo da Terra, pelo menos! Estivemos conversando por 73 anos.
- Não pode ser!
- Mas é!
- E quando será meu julgamento?
- Já foi.
- E qual o resultado?
- Qual você acha que foi?
- Eu não sei dizer... parece que eu nasci, cresci, não entendi o que era para fazer, morri e agora estou aqui!
- Tudo o que você fez ou desejou para as outras pessoas, sempre retornou em dobro. Saber disso te assusta ou te conforta?
- Conforta!
- Então você entendeu exatamente o que era para fazer!
- Sério?
- Sério!
- E quando vou saber o resultado do meu julgamento?
- Você já sabe!
- E quando vou para o Céu?
- Já está no Céu.
- Como assim? O Céu é um galpão gigante?
- Mais cedo eu não te disse que o Céu ou o Inferno seria como você desejasse?
- Disse...
- Então.
- Está tudo bem, Batista. É só que eu achei que veria Deus.
- E viu!
- Você é Deus, Batista?
- Todos somos! Está nas Escrituras Sagradas, aliás.
- Sim! Em Salmos 82:6!

Encruzilhada

Hamilton era louco pela Maria Alice, mas ela sequer o notava.

Ele não era um cara feio, e tinha um emprego. Nada que desse para causar inveja nas tias durante as festas de fim de ano. Mas dava para ir pra Santos no verão, sem contar que ele não devia dinheiro a ninguém.

Mas Hamilton estava disposto a fazer com que Maria Alice o notasse! Chega de se reter quando ela passava por ele no trabalho, sempre sorrindo e dizendo "oi" para todos!

Ele tinha um triunfo nas mãos: O telefone do Pai Véio, que prometia enfaticamente num daqueles papéis colados em postes, "trazer seu amor de volta em curto prazo".

A parte do "curto prazo" foi a que fez com que se decidisse por Pai Véio em detrimento de outros, explicou para seu amigo Carlos.

Fora que a tal propaganda ainda ia mais longe, ao afirmar que Pai Véio contava com experiência de 45 anos no ramo.

- Como alguém sobrevive 45 anos num ramo, sem ser pego enganando ou outros, Carlos?
- Não sei, Hamilton. Mas certeza que o Sarney sabe como fazer!
- Não caçoa, cara! Senão não vai dar certo!
- Mas não vai dar certo! Desde quando levar um frango, um espumante barato e uma vela preta numa encruzilhada traz seu amor de volta?
- Não só traz, como para a amarração ser infalível e dominadora, preciso voltar lá no outro dia para rezar mais um pouco diante do altazinho que terei feito na noite anterior.

Passados alguns dias, já era 23 de dezembro. Hamilton foi ao supermercado comprar os itens necessários ao Trabalho que faria.

Averiguou no Google Maps e constatou que havia uma encruzilhada cerca de 2 km de sua casa. Isso era bom.

Colocou o relógio para despertar 2 horas da madrugada, calçou os sapatos, pegou a chave do carro, retirou as oferendas da geladeira e decidiu ir até o local da encruzilhada e esperar por lá.

Como todo bom ansioso, não achava prudente esperar em casa. Era sempre melhor esperar no local, pois as chances de atraso eram mínimas nesse caso.

Mas antes de sair, viu que Carlos estava online no WhatsApp e decidiu perguntar se o amigo gostaria de acompanhá-lo.

Carlos, que não estava fazendo nada, topou. Mas não sem tirar sarro da situação e tecer comentários depreciativos o trajeto todo.

- Não acredito que você vai desperdiçar frango e bebida!
- Se vou usar, não é desperdício!
- Por que o frango está congelado e o espumante geladinho?
- Porque estavam na geladeira.
- Porque na geladeira, se vão apodrecer ao sol inclemente de dezembro?
- Realmente, eu concordo que não fez sentido. Sei lá, foi o hábito.

Assim que chegaram na encruzilhada, Hamilton desceu para verificar o local. Ligo atrás veio Carlos com as coisas.

- Vamos acabar logo com isso...
- Não!
- Não? Por quê?
- Não está na hora.
- Hora?
- Sim. Só podemos fazer às 3 da madrugada.
- E desde quando oferenda tem horário?
- Desde sempre. E, ademais, faltam 15 minutos somente!

Quando tinham preparado tudo e voltavam para casa, Hamilton perguntou se Carlos gostaria de voltar às 15 horas, para terminar o serviço.

- Jamais perderia a oportunidade de ver você rezando para um frango apodrecido e um espumante barato e quente!
- Não vou rezar para o frango e nem para o espumante..

As três da tarde o sol de dezembro estava inclemente em Vila Verde, então Carlos se recusou a sair do carro. Mas nem precisou, para constar que haviam mexido na macumba de Hamilton, que voltou desolado para o carro.

- Pai Véio disse que se a macumba não estivesse aqui no outro dia, eu jamais teria Maria Alice! E hoje é o "outro dia" e a macumba não está lá, Carlos!
- Realmente, não está..., mas pode ter sido roubada.
- Quem iria roubar oferenda de macumba, Carlos?
- Não faço a menor ideia. Mas também pode ter passado um bicho e levado o frango!
- E o espumante?
- Sei lá...

Hamilton ficou tão desolado com o fato de a macumba não ter dado certo, que o trajeto de volta foi feito em silêncio.

Assim que estacionou o carro na frente da casa de Carlos, seu celular tocou. Era Maria Alice.

Hamilton ainda não sabia, mas eles ainda se casariam, teriam cinco filhos, dois netos e um casamento que só acabaria com a sua morte.